

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: KG

Data: 11 de julho de 1982

Pg.: _____

Funai ignora os danos que Carajás causará a índios

BRASÍLIA — Cortando, numa extensão de 900 quilômetros o território de nove grupos indígenas que vivem entre os Estados do Pará, Maranhão e Goiás, a ferrovia do projeto carajás vai provocar um "impacto" nos 4360 índios atingidos, como reconhece a própria Funai no seu documento sobre o apoio às comunidades indígenas. Concebido para ser executado entre 1982 e 1986, o Projeto de Ferro Carajás vai afetar diretamente os grupos indígenas Urubucaapor, Guajá, Guajará, Xicrin, Paracategé (Gavião), Paracaná, Apinagé, Suruí e Cricati.

Mas embora reconhecendo que a vida dessas comunidades indígenas sofrerá um impacto com a construção e posterior operação da ferrovia, o estudo elaborado pela Funai não menciona sequer uma vez quais os prejuízos previstos para os índios.

O documento, que segundo o presidente da Funai, Paulo Moreira Leal, "foi elaborado em bases absolutamente científicas", se limita a uma abordagem histórica sobre os índios que vivem na área, o censo das comunidades e, finalmente, o detalhamento dos gastos com a implantação de projetos e infra-estrutura básica nas aldeias.

Sobre os índios paracaná, que até hoje ainda não têm território definido, desde que suas terras foram liberadas para a construção da hidrelétrica de Tucuruí, o documento da Funai diz apenas que as áreas não foram homologadas por terem surgido "indagações".

Para esses índios, cujo maior problema é a definição de um território, a Funai está destinando 156.445 milhões de cruzeiros. O atendimento na área de saúde receberá 15 milhões e 600 mil cruzeiros, enquanto o de administração terá 79 milhões de cruzeiros. E além do problema da terra, o outro grande drama vivido pelos paracaná relaciona-se exatamente com a questão da saúde. Depois de terem contraído blenorragia na época do contato (1971), esses índios, têm problema de desnutrição, provocada pelo desequilíbrio ambiental, além de malária e surtos de gripe.

No início do documento da Funai, há uma informação dizendo que os índios atingidos pelo Projeto Carajás "tiveram participação efetiva nos estudos preliminares, expressando seus anseios". Para os guajás por exemplo, essa participação é impossível. Contatados entre os anos de 74 e 75, quando sofreram um massacre no qual morreram nove índios, eles pouco conhecem a língua portuguesa, e há ainda três grupos arredios.

Para os Guajás que, segundo o antropólogo Mércio Oliveira, são os "últimos grupos tupis ainda nômades", a Funai decidiu investir recursos de recente convênio com a Companhia Vale do Rio Doce na agropecuária, para a qual foram destinados 11 milhões e 780 mil cruzeiros, 8 milhões e 650 mil para administração e 3 milhões e 500 para a saúde.

Os guajás terão ainda 6 milhões de cruzeiros para a área de "habitação" e 9 milhões para a de transporte. Quanto à demarcação da terra, fator primeiro de sobrevivência dos grupos indígenas, a Funai destinou 3 milhões de cruzeiros e não especificou o quanto vai gastar para contatar os demais grupos arredios dessa tribo.

Os únicos índios em condições de reivindicar o uso dos 13 milhões de dólares pagos pela Companhia Vale do Rio Doce à Funai, para indenizar os grupos que vão ser atingidos pela ferrovia de Carajás são os paracategés (conhecidos também como gaviões) e os guajararas. Mesmo assim, no caso dos paracategés pelo menos, a administração de posto terá maior destinação (17 milhões e 135 mil cruzeiros) que a saúde (12 milhões) ou a educação (também 12 milhões).

No documento está previsto até a destinação de 500 mil cruzeiros para a compra de equipamento da casa-sede do posto, mas não há nenhuma indicação sobre quantas castanheiras da reserva dos paracategés serão abatidas para a construção da ferrovia e ainda quais as medidas que estão sendo tomadas para a preservação do meio ambiente.